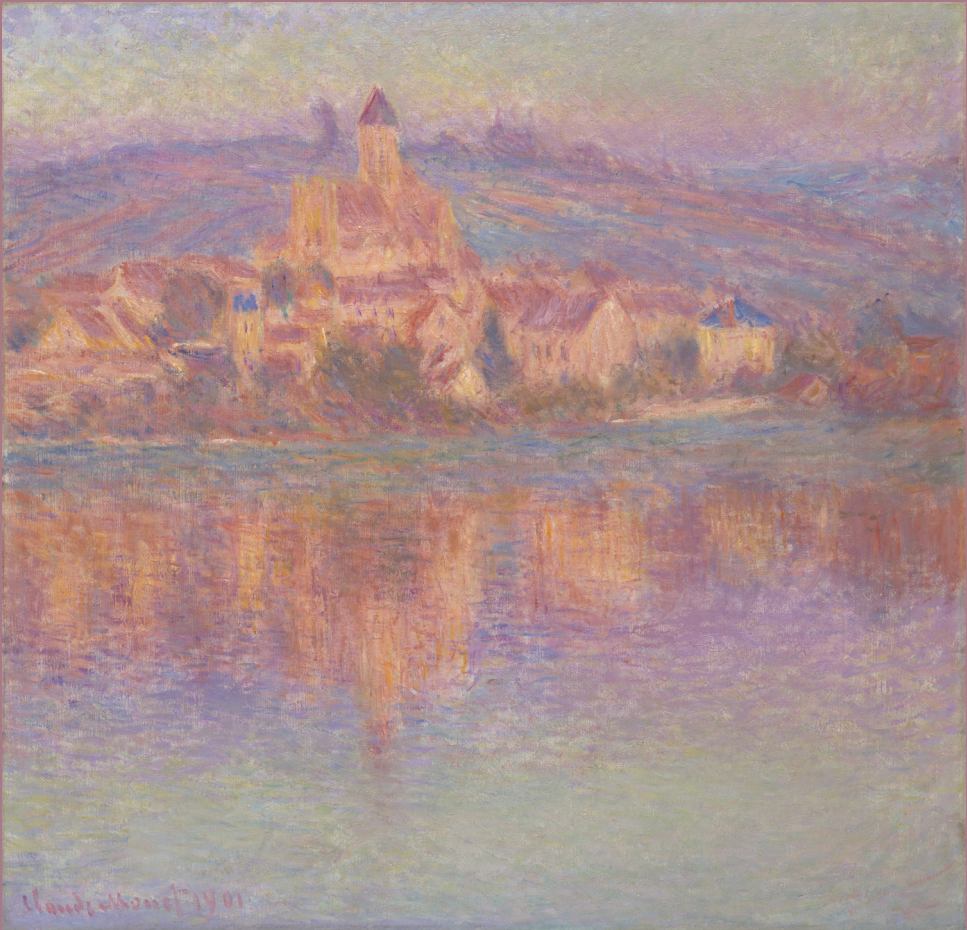


# CADERNOS

28

DE LITERATURA EM TRADUÇÃO



Caminhos e fronteiras da tradução literária

# *Da Natureza, de Parmênides de Eleia*<sup>1</sup>

*Bruno Palavro*<sup>2</sup>

**Resumo:** Apresento uma tradução hexamétrica completa dos fragmentos de Parmênides de Eleia para o português brasileiro. A tradução é precedida de uma introdução, em que exponho o contexto maior de meu trabalho em relação à tradição épica arcaica e comento duas abordagens poéticas já compreendidas na tradução dos fragmentos de Parmênides, bem como meus pressupostos teóricos a respeito da prática tradutória como recriação paralela. O objetivo geral de minha tradução não é descomplicar o poema de Parmênides, mas complicá-lo, potencializando uma experiência estética concentrada tanto nas imbricações poéticas específicas do texto como em sua constituição épica.

**Palavras-chave:** Parmênides; hexâmetro datílico; poesia épica; filosofia.

**Abstract:** I present a complete hexametric translation of the fragments of Parmenides of Elea into Brazilian Portuguese. The translation is preceded by an introduction, in which I expose the larger

---

1 Pesquisa realizada com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES). Algumas questões sobre épica, métrica e tradução apresentadas neste trabalho já foram discutidas com mais detalhes em minha dissertação de Mestrado (PALAVRO, 2021).

2 Doutorando em Estudos de Literatura – Teoria, Crítica e Comparatismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), sob orientação do Prof. Dr. Carlos Leonardo Bonturim Antunes. Mestre em Literatura – Teoria, Crítica e Comparatismo (2021) e licenciado em Letras – Português e Grego Antigo pela mesma instituição (2019). Desenvolvo projetos voltados à tradução literária e ao estudo da métrica antiga, tendo me dedicado à tradução dos épicos *Theogonia*, *Os trabalhos e os dias* e *O escudo de Hércules*, de Hesíodo, de poemas da *Antologia grega* e da obra poética de Lord Byron e de Edgar Allan Poe. Atualmente, trabalho com a tradução hexamétrica dos fragmentos de Xenófanes, Parmênides e Empédocles, bem como do poema *Fenômenos* de Arato. Como projeto futuro, pretendo traduzir nessa mesma linha a *Teriaca* e a *Alexifármaca* de Nicandro. E-mail: brunopalavro@gmail.com.

context of my work in relation to the Archaic epic tradition and comment on two poetic approaches already carried out in the translation of Parmenides' fragments, as well as my theoretical assumptions regarding the translation process as "parallel recreation". The general objective of my translation is not to uncomplicate Parmenides' poem, but to recomplicate it, enhancing an aesthetic experience focused both on the specific poetic imbrications of the text and on its epic constitution.

**Keywords:** Parmenides; dactylic hexameter; epic poetry; philosophy.

*Un dios, reflexioné, sólo debe decir una palabra,  
y en esa palabra la plenitud.  
(La escritura del dios, Jorge Luis Borges)*

## Introdução

Já é muito bem atestado na literatura que, para os antigos, Hesíodo andava lado a lado com o expoente do que viria a ser chamado de literatura propriamente épica, Homero, e que a ambos se atribuía uma autoridade ancestral na afirmação da cultura helênica.<sup>3</sup> Por outro lado, é também amplamente difundida a identificação da épica com a matéria heroica, numa voz que antecede em muito a estética hegeliana: ao tratar da epopeia, Aristóteles conhecidamente já refutou, com todas as palavras, o critério métrico para se definir um poeta, no que difeririam substantivamente as obras de sujeitos como Homero e Empédocles, por exemplo (*Poética*, 1447b 15). De um lado, teríamos poetas propriamente ditos; de outro, "naturólogos" ou "teólogos" que casualmente compunham em hexâmetros. Hoje, é mais comum vermos a cisão entre "poesia épica (*i.e.*, heroica)" e "poesia didática" e "filosófica". Meu trabalho parte do oposto:

Só o facto de haver entre os antigos uma opinião desviante e inconseqüente sobre qualquer questão legitimária, por amor da precisão, pensá-la. Mas nem a opinião é desviante, a não ser façamos hoje de Aristóteles o aiatolá Khomeíni da teoria poética antiga, nem é inconseqüente. Assim como é justo que a grande maioria dos comentadores modernos não se dedique à questão por ser irrelevante às prioridades deles, assim também não é injusto que outros se ponham a investigá-la quando percebem que é fundamental para as suas. Segundo o conjunto das fontes – Proclo, Quintiliano, Fócio e

3 Cf. Hunter (2014); Koning (2010).

o escoliasta de Teócrito – *Teogonia*, *Trabalhos e Dias*, *Geórgicas*, *Os Fenômenos*, *Da Natureza das Coisas*, *Idílios*, são inequivocamente épicos, o que não bastou, porém, a que se admitisse mais explicitamente haver certo dissenso entre as teorias antigas, e muito menos a que se dispusesse a investigar em que radica esse dissenso (OLIVA NETO, 2013, p. 42).

As fontes antigas apresentadas por Oliva Neto muito provavelmente vinham na esteira das opiniões ainda mais antigas que percebiam a questão da mesma maneira e contra as quais Aristóteles julgou pertinente se manifestar. É de acordo com essa inibida vertente que podemos explorar não só os poemas de Hesíodo e seus afins helenísticos, mas também as composições hexamétricas dos comumente chamados “pré-socráticos” como integrantes da tradição épica mais ampla; as denominações “didático” e “filosófico”, por sua vez, não considerariamos senão como visadas pontuais sobre algum aspecto dessa poesia, que no entanto não dão conta de defini-la em seu encadeamento com a tradição poética com que dialogam. Com as obras hexamétricas de Xenófanes, Parmênides, Empédocles, Arato e Nicandro, estaríamos diante de uma poética fundamentalmente cosmológica, que, em sua predominância dissertativa, promove a afirmação de um conjunto de saberes que visa ao universalismo. Essa poética não buscaria respaldo nas antigas narrativas hexamétricas sobre os grandes feitos de grandes homens do passado, mas nas antigas composições da sabedoria hesiódica, efetivando, especialmente no caso dos pré-socráticos em questão,<sup>4</sup> um movimento poético-epistemológico que expande e atualiza o que busco propor como “épica sapiencial”.

Alexander Mourelatos, em seu monumental trabalho intitulado *The route of Parmenides*, é categórico logo no início:

O que temos de Parmênides não é um tratado filosófico, mas um poema em hexâmetros. Diante disso, a própria forma da obra o coloca na tradição da poesia épica grega, e é razoável que, antes de começarmos a analisar seu pensamento como o de um filósofo, devemos entender sua relação com essa tradição mais antiga (MOURELATOS, 2008, p. 1, tradução minha).

Nessa perspectiva, não podemos encarar como acidente ou capricho retórico a presença da dicção épica no poema de Parmênides, uma vez que é dela que o poema se constitui. O critério não é meramente “métrico”, mas *formal*. Temática-

---

<sup>4</sup> Isso, é claro, não desconsidera o diálogo desses pensadores com as correntes filosóficas de sua época, apenas o complica.

mente, assim como Xenófanes se apropria de referenciais eminentemente hesiódicos para repensar o divino, inclusive nomeando o próprio Hesíodo ao lado de Homero em sua reprimenda (B11), assim também Parmênides, seu reputado discípulo, se preocupa com a própria questão da origem, do nascimento e do perecimento – e de como essas noções são alheias à verdade do mundo – face às tradições teocosmogônicas que o antecederam;<sup>5</sup> em termos de linguagem, o metro, o dialeto, o arcabouço vocabular e o modo de formar, no qual estão implicadas composição e performance também em diálogo direto com a tradição, sintetizam uma poética comum, cujo próprio verso que a fundamentava era sinônimo de “palavra”, rotulado pelo grego épos (NAGY, 1990, p. 26-27). Daí a importância de atentar a correspondências mais estritas com os poemas hesiódicos e ler Parmênides também em relação a essa figura de autoridade basilar para os antigos,<sup>6</sup> explorando tanto em análise quanto pela própria tradução a zona cinza compartilhada pelas figuras do “poeta” e do “filósofo” – e é justamente a partir do trabalho com o ritmo, a sonoridade e os paralelismos linguísticos que se faz possível ressaltar, no nível da experiência, a constituição épica do poema de Parmênides.

## Sobre a tradução

A recriação de uma forma vernácula análoga ao hexâmetro datílico grego está no cerne deste trabalho. A matriz hexamétrica que tomo como ponto de partida é a seguinte:<sup>7</sup>

$$-\overline{\omega} - : \overline{\cup} : \overline{\cup} : - : \overline{\cup} : \overline{\cup} - : \overline{\omega} : - \overline{\omega} - \cup$$

O esquema considera os elementos básicos de sílaba longa (l), breve (k) e contração espondeica (y), além do fenômeno *brevis in longo* (u) no último pé. O

5 Cf. Solana (2003).

6 Na linha dos trabalhos de Dolin (1962), Henn (2003), Koning (2010), Miller (2018), Most (2007), Moorton (2001), Tor (2017); mais recentemente, Mackenzie (2021) também propôs um enfoque “literário” sobre as composições hexamétricas dos pensadores em questão, enquanto o trabalho de Mourelatos (2008) ainda é indispensável para entendermos Parmênides do contexto da épica grega.

7 Os detalhes dessa notação geral, especialmente em relação à controversa questão das cesuras, são discutidos em minha dissertação de Mestrado, conforme Palavra (2021). Para uma análise específica da versificação de Parmênides, cf. Henn (2003) e Mourelatos (2008).

símbolo \ indica possibilidade de cesura, que pode ser de dois tipos: dividindo o verso em 1) dois hemistíquios com três sílabas dominantes em cada um ou, mais raramente, em 2) terços de duas sílabas dominantes cada um, consideradas em ambos os casos as raríssimas diérese e cesuras trocaicas no segundo pé. A notação apresenta a combinação dos pontos passíveis de cesura, excludentes entre si em relação tanto às divisões em díptico e triádica como ao seu ponto de realização dentro do pé métrico.

Minha contraparte vernácula para o hexâmetro datílico grego segue o método de tradutores que propuseram uma correspondência silábica baseada em critérios acentuais: sílabas longas viram tônicas e breves viram átonas; além disso, para emular a variação espondeica, admito pés trocaicos (que podem virar espondeus numa recitação). O resultado é um verso oscilante de cadência predominantemente datílica sob o critério acentual do português com no máximo 18 sílabas:

$$\underline{1}w(w)l \backslash w(w)l \backslash w(w)l \backslash w(w)l w(w)*l (w)(w*)$$

O sublinhado indica a possibilidade de resolução alotônica necessária; os parênteses, a presença opcional de átonas; o asterisco, a extrema raridade da ocorrência. Também é indicada a localização virtual de todas as possíveis cesuras, nos mesmos termos da notação anterior. No entanto, é importante frisar que não proponho uma reconstrução purista do andamento silábico e das cesuras: há um critério misto de eufonia e conformidade semântica que determina se traduzirei um dátilo por outro dátilo ou por um troqueu, ou um espondeu por um troqueu ou por um dátilo; do mesmo modo, um verso grego em terços pode ser recriado em hemistíquios, e vice-versa.

Já fica evidente que minha abordagem métrica não só é semelhante como foi diretamente influenciada pelo trabalho de Rodrigo Gonçalves (2016; 2021) com o poema de Lucrécio, *De rerum natura*. O que cabe destacar aqui, na verdade, são as palavras que fundamentam esse tipo de projeto, uma vez que nem é novidade o emprego de um hexâmetro vernáculo na tradução de um poema filosófico, nem os versos de Parmênides foram confiados unicamente à prosa ou ao verso solto. Gonçalves, não deixando de reconhecer a importância das “traduções explicativas”, ressalta o potencial ativo de uma tradução que concentre, em termos de forma, uma verve eminentemente poética:

A proposta geral é produzir uma tradução do poema filosófico de Lucrécio [...] que, por sua vez, *faça* algo que fazia o texto de Lucrécio e que nem

sempre é feito nas traduções disponíveis: que *seja poesia*, que *faça poesia*. Assim, para nossa versão, é extremamente importante perceber os procedimentos poéticos de Lucrecio como cruciais para performar sua filosofia, de modo que o fazer poético é fundamental para os efeitos do poema [...]. [U]ma tradução cujo foco seja o da performance poética também se faz necessária, pelo simples fato de que Lucrecio decidiu trilhar o caminho de poetas-filósofos como Empédocles e Parmênides e escrever quase 7.500 hexâmetros ao invés de um tratado filosófico em prosa (GONÇALVES, 2016, p. 189).

Mais especificamente sobre Parmênides, há que se destacar duas empreitadas igualmente admiráveis das quais tive conhecimento até a redação deste trabalho: a de Martin Henn (2003) e a de Pedro Barbieri (2020). Ambos os tradutores chamam atenção para a constituição poética do texto de partida, o que de alguma forma justificará as escolhas tomadas. Barbieri, que adotou dodecassílabos alexandrinos em face da fortuna do que chama de “traduções escolares”, justifica previamente:

No caso dos fragmentos de Parmênides, como temos originalmente um texto poético, e não unicamente expositivo no sentido da tradição filosófica que tem início em Aristóteles, considero haver um ganho em uma tradução também poética. É de se imaginar que o modo de escrita escolhido por Parmênides não teria sido apenas um capricho, mas um componente necessário de sua equação, o que é passível de não ser contemplado, caso o nosso foco seja uma abordagem mais conteudista. [...] A justificativa de buscar fazer uma tradução poética se funda nessa perspectiva de possibilitar um tipo diferente de experiência com relação ao que sobreviveu da obra. [...] Proponho aqui apenas retornar ao texto original e experimentá-lo enquanto é: um poema (BARBIERI, 2020, p. 313).

Henn, por sua vez, evoca a própria tradição épica grega para balizar a poesia de Parmênides:

Devemos ter em mente que Parmênides era um bardo homérico, que herdou os tesouros de séculos de recitação oral e que via a si mesmo como um compositor não contrário, mas inserido na tradição épica; contudo, ele foi além da mera recitação ao recompor a linguagem homérica na forma de uma obra completamente única e original (HENN, 2003, p. 5, tradução minha).

Em seguida, sua justificativa para a adoção do pentâmetro jâmbico em dísticos rimados, em alusão especialmente ao Homero de Pope: “Se quisermos

seguir nossos antecessores em matéria de estilo como Parmênides seguiu Homero, então deveremos adotar o padrão tradicional usado pelos poetas ingleses para traduzir a poesia épica e didática do grego” (HENN, 2003, p. 18, tradução minha).<sup>8</sup>

A proposta de um Parmênides em hexâmetros vernáculos vai num mesmo sentido geral, considerando o relativamente amplo *corpus* de traduções hexamétricas para os épicos greco-romanos<sup>9</sup> e, adicionalmente, a existência recente de uma tradução pautada num metro canônico da língua portuguesa. Em verdade, o hexâmetro tem tamanho e flexibilidade muito convenientes para se trabalhar a informação semântica conjugada a uma dicção formular (que leve em conta, em especial, correspondências estritas com minha tradução de Hesíodo) numa cadência reiterada, simétrica e eufônica, quase hipnótica, sugestiva de uma especificidade cultural remota e alheia (de sua historicidade, portanto) e, no limite, do teor “xamanístico” dessa poesia, pelo qual se afirma a autoridade de figuras como Hesíodo, Empédocles e, é claro, Parmênides.<sup>10</sup>

Essa mesma versatilidade do hexâmetro facilita a reelaboração dos vários paralelismos verbais que permeiam a poética de Parmênides. Estamos lidando com as ruínas de um texto abundante em jogos paronomásticos, constrições frasais no mínimo intrincadas e ambivalências sintáticas sobre um assunto que já é, por si mesmo, complicado, e que mais se complica quanto menos evidente se mostra seu contexto e mais se sobrepõem leituras dos tantos que já tentaram evidenciá-lo. O propósito de minha tradução, contudo, não é descomplicar os restos do poema,

---

8 Note-se que, apesar de declaradamente inserir Parmênides no contexto épico (2003, p. 5), Henn também se vale da cisão terminológica entre “épica” (poesia heroica) e “poesia didática”, atribuindo a esta última categoria Parmênides, ao lado de Empédocles e Hesíodo (*ibid.*, p. 18). O que podemos depreender desse conflito talvez seja um esforço de equacionar esses tipos de poesia num conjunto comum.

9 Por exemplo, o Homero de Carlos Alberto Nunes (2015, 2015a), os *Hinos Homéricos* de Leonardo Antunes (2015), o Lucrécio de Rodrigo Gonçalves (2021), o Horácio de Guilherme Gontijo Flores (2020), o Virgílio de Carlos Alberto Nunes (2016) e o de Arthur Rodrigues Pereira Santos (2020), o Calpúrnio Sículo de Daniel Ribeiro (2021) etc. Também tenho notícia de uma tradução hexamétrica para as *Metamorfoses* de Ovídio sendo desenvolvida por Rodrigo Gonçalves, que já trabalhou com excertos do autor previamente.

10 “O xamã é um mediador entre homem e deus. Ele tem o poder de deixar seu corpo em um transe para viajar até o Céu ou ao Submundo. Ele faz isso para acompanhar outras almas ou para receber informação médica ou cultural de alguma divindade. Sua jornada é arriscada, e requer o acompanhamento protetor de potências sobrenaturais. Pode haver errância antes ou depois de seu desejado encontro com a divindade. Os meios de transporte são às vezes carroças voadoras. Há certa afinidade entre o xamã e alguns animais, especialmente o cavalo. O xamã é geralmente também um poeta e cantor e costuma narrar sua jornada e experiência transcendental na primeira pessoa” (MOURELATOS, 2008, p. 42-43, tradução minha). Cavalos e carroças voadoras à parte, o trecho bem se aplica também aos tradutores.

mas recomplicá-los numa constituição poética paralela em língua portuguesa; disso, decorre uma admissão aberta do discurso polissêmico, enviesado, que antes da compreensão propriamente dita preze pela impressão estranhante e provoque a inquietude curiosa.

Além da dificuldade de execução, há decerto um aspecto ingrato nesse trabalho: não é incomum vermos a qualidade de uma tradução medida por sua clareza, bem como sua “fidelidade” avaliada estritamente no âmbito semântico. Minha tradução não pressupõe um significado imaterial e substantivo a ser resgatado em detrimento da forma, mas trabalha com o tradicional dualismo entre forma e conteúdo como dois aspectos amalgamados em sua realização, dentro da conhecida perspectiva haroldiana da “paramorfia”: os textos, embora diferentes enquanto linguagem, serão formas paralelas conforme se cristalizarem dentro de um sistema comum de correlações e compensações – não necessariamente trabalhando com correspondências diretas entre termos em absoluto, mas promovendo um teor análogo no âmbito geral da obra, ora mais, ora menos focado – que preza pela própria concretude do verso também como elemento de significação (CAMPOS, 2011, p. 34). Dessa recomposição, costume reiterar, inevitavelmente deriva-se um texto esteticamente distinto, que escapa à intenção que as originou e a sua relação com o texto de origem;<sup>11</sup> ainda assim, promovem-se convergências em relação de similitude na própria materialidade do verso, com um foco na constituição épica do poema, cadenciada pelo hexâmetro. Desse modo, o “mesmo texto” só pode ser afirmado entre aspas: só se produz no fingimento, na ficção, no *fazer* próprio da tarefa poética; no caso específico de meu Parmênides, resulta uma poesia que não se dá no olhar inadvertente ou na escuta ecoante, mas na busca da palavra que só ressoa sua verdade em vista do que esconde.

## Tradução dos fragmentos

A edição de base para a tradução aqui apresentada é a de A. H. Coxon (2009).<sup>12</sup> A pontuação e as maiúsculas iniciais em alguns substantivos-chave do poema foram empregadas conforme o que me pareceu conveniente no contexto específico de cada fragmento, embora a questão dos nomes encontre também uma

---

11 O que não é diferente no caso de uma tradução de enfoque semântico, porque ela também é *forma*; nesse caso, apenas atenua-se o jogo formal, que não é programático.

12 Exceções: fr. 1, v. 3 de Tarán (1965); fr. 8, v. 4 e fr. 17 (16DK), v. 1 de Gallop (1991).

unidade programática em minha proposta de tradução do *corpus* de Parmênides e corresponda em grande medida, caso a caso, às outras edições consultadas em paralelo.

Por fim, cabe ressaltar **QUE SE TRATA** aqui de uma primeira versão do trabalho. Daqui em diante, será ainda necessário aprofundar a discussão com uma leitura mais detida da bibliografia secundária. Isso certamente implicará mudanças na própria tradução, que não acaba nunca.

## DA NATUREZA

Parmênides de Eleia

1

Ἴπποι, ταί με φέρουσιν, ὅσον τ' ἐπὶ θυμὸς ἰκάνοι  
πέμπον, ἐπεὶ μ' ἐς ὁδὸν βῆσαν πολύφημον ἄγουσαι  
δαίμονος, ἢ κατὰ πάντ' ἄστη φέρει εἰδότα φῶτα·  
τῇ φερόμην, τῇ γάρ με πολύφραστοι φέρον Ἴπποι  
5 ἄρμα τιταίνουσαι, κοῦραι δ' ὁδὸν ἡγεμόνευον.  
ἄξων δ' ἐν γνοίησιν Ἴ<ει> σύριγγος αὐτήν  
αἰθόμενος, δοιοῖς γὰρ ἐπέιγγοτο δινωτοῖσιν  
κύκλοις ἀμφοτέρωθεν, ὅτε σπερχόιατο πέμπειν  
ἡλιάδες κοῦραι προλιποῦσαι δόματα νυκτός  
10 ἐς φάος, ὡσάμειναι κράτων ἄπο χερσὶ καλύπτρας.  
ἐνθα πύλαι νυκτός τε καὶ ἡματός εἰσι κελεύθων,  
καὶ σφας ὑπέρθυρον ἀμυρὶς ἔχει καὶ λάνους οὐδός,  
αὐταὶ δ' αἰθέριαι πληνται μεγάλοισι θυρέτροις·  
τῶν δὲ δίκη πολύποιος ἔχει κληίδας ἀμοιβούς.  
15 τὴν δὴ παρφάμεναι κοῦραι μαλακοῖσι λόγοισι  
πεῖσαν ἐπιφραδέως, ὡς σφιν βαλανωτῶν ὄχηα  
ἀπτερέως ὡσειε πυλέων ἄπο· ταὶ δὲ θυρέτρον  
χάσμι' ἄχανές ποίησαν ἀναπατάμεναι πολυχάλκου  
ἄξονας ἐν σύριγγιν ἀμοιβαδὸν εἰλιξάσαι  
20 γόμοφαι καὶ περόνησιν ἀρηρότε· τῇ ῥα δι' αὐτέων  
ἰθὺς ἔχον κοῦραι κατ' ἀμαξίτων ἄρμα καὶ ἵππους.  
καὶ με θεᾶ πρόφρων ὑπεδέξατο, χεῖρα δὲ χειρὶ  
δεξιτερὴν ἔλεν, ὅδε δ' ἔπος φάτο καὶ με προσηύδα·  
ὦ κοῦρ' ἀθανάτησι συνήορος ἡνιόχοισιν

1

Éguas que me carregam até onde o ânimo alcança  
conduziam-me ao ir pelo plurifalado caminho  
da Divindade, que a toda cidade conduz o homem sábio –  
lá fui levado: por lá, muiespertas levavam-me as éguas  
se esticando à carroça, co'as moças guiando o caminho.  
O eixo entre os meões lançava um brado de flauta,  
todo abrasante, pois se apressavam os dois rodopiantes  
círculos de ambos os lados, e precipitavam-se as moças  
filhas do Sol, me guiando e deixando o palácio da Noite  
rumo à luz, da cabeça co'as mãos removendo seus véus.  
Lá é que está o portal das estradas do Dia e da Noite,  
que se sustenta no sobreportal e no umbral pedregoso,  
onde, etéreo, pleno mantém-se por grandes portões;  
mui-punitiva Justiça detém as chaves da troca.  
E a persuadiram as moças com suas palavras suaves,  
bem ponderadas, para que alçasse a trava encravada  
dessas portas depressa – e fizeram-se então os portões  
uma abertura abissal, esvoaçando, co'os dois pluribrônzeos  
eixos em vãos flauteados que se retrucavam rodando,  
justos em pregos e pinos; e ali, através disso tudo,  
retas as moças mantinham na rota a carroça e as éguas.  
E recebeu-me a deusa propensa, e na mão minha mão  
destra tomou, e assim proferiu ao dizer-me a palavra:  
“Ó meu jovem, companheiro de eternas cocheiras

- 25 ἕπποις θ', αἶ σε φέρουσιν, ἰκάνων ἡμέτερον δῶ  
 χάϊρ', ἐπεὶ οὐ τί σε μοῖρα κακῆ προὔπεμπε νέεσθαι  
 τήνδ' ὁδόν, ἧ γὰρ ἄπ' ἀνθρώπων ἐκτὸς πάτου ἐστίν,  
 ἀλλὰ θέμις τε δικη τε· χρεῶ δέ σε πάντα πυθέσθαι,  
 ἡμὲν ἀληθείης εὐπειθέος ἀτρεμὲς ἦτορ  
 30 ἡδὲ βροτῶν δόξας, τῆς οὐκ ἐνὶ πίστις ἀληθῆς.  
 ἀλλ' ἔμπης καὶ ταῦτα μαθήσῃαι ὡς τὰ δοκεῦντα  
 χρῆν δοκίμως εἶναι διὰ παντὸς πάντα περῶντα.

## 2 (5DK)

ξυνὸν δὲ μοί ἐστιν  
 ὀππόθεν ἄρξομαι· τόθι γὰρ πάλιν ἴξομαι αὐτίς.

## 3 (2DK)

- εἰ δ' ἄγε, τῶν ἔρέω, κόμισαι δὲ σὺ μῦθον ἀκούσας,  
 αἶπερ ὁδοὶ μοῦναι διζήσιός εἰσι νοῆσαι·  
 ἡ μὲν, ὅπως ἐστίν τε καὶ ὡς οὐκ ἐστι μὴ εἶναι,  
 πειθοῦς ἐστι κέλευθος, ἀληθείη γὰρ ὀπηδεῖ,  
 5 ἡ δ', ὡς οὐκ ἐστίν τε καὶ ὡς χρεῶν ἐστι μὴ εἶναι,  
 τὴν δὴ τοι φράζω παναπευθέα ἔμμεν ἀταρπόν·  
 οὔτε γὰρ ἂν γνοίης τό γε μὴ ἔόν, οὐ γὰρ ἀνυστόν,  
 οὔτε φράσαις.

## 4 (3DK)

τὸ γὰρ αὐτὸ νοεῖν ἐστίν τε καὶ εἶναι.

## 5 (6DK)

- χρῆ τὸ λέγειν τε νοεῖν τ' ἔδον ἔμμεναι, ἔστι γὰρ εἶναι,  
 μηδὲν δ' οὐκ ἔστιν· τὰ σ' ἐγὼ φράζεσθαι ἄνωγα·  
 πρώτης γάρ σ' ἄφ' ὁδοῦ ταύτης διζήσιος <εἴρω>,  
 αὐτὰρ ἔπειτ' ἀπὸ τῆς, ἣν δὴ βροτοὶ εἰδότες οὐδὲν  
 5 πλάζονται δίκρανοι, ἀμηχανίη γὰρ ἐν αὐτῶν  
 στήθεσιν ἰθύνει πλαγκτὸν νόον, οἱ δὲ φορεῦνται  
 κωφοὶ ὁμῶς τυφλοὶ τε, τεθηπότες, ἄκριτα φύλα,  
 οἷς τὸ πέλειν τε καὶ οὐκ εἶναι ταῦτ' ἐννομίστα  
 κού τωτόν, πάντων δὲ παλιντροπὸς ἐστι κέλευθος.

e éguas, que te carregam até alcançar nosso paço –  
 salve, te alegre! Não é por mau fado que foste induzido  
 para rodar tal caminho, tão fora da via dos homens,  
 mas por Norma e Justiça. Precisas ouvir tudo isto:  
 o coração impassível da persuasiva Verdade  
 e o parecer dos mortais, que não tem persuasão de verdade  
 e aprenderás, pois, como devia então o aparente  
 precisamente ser, o que todo tudo pervade.

## 2

para mim comum é o ponto  
 donde irei principiar: para trás virei novamente.

## 3

Vem então, te direi, e tu cuida de ouvir o discurso!  
 Para pensar, eis as únicas vias de questionamento:  
 uma, decerto, que é e que não é não ser assim sendo,  
 é a estrada da Persuasão, pois segue a Verdade;  
 outra, afinal, que não é e que é preciso não ser assim sendo –  
 e essa sim eu te aponto ser imperscrutável vereda:  
 nem conhecer o não ente (pois isso é de todo inviável)  
 nem apontar poderias

## 4

: o mesmo é pensar, pois, e ser.

## 5

É preciso falar e pensar ser ente, pois ser é,  
 bem como nada não é – e eu peço: pondera sobre isso.  
 Já te desvio do primeiro caminho de questionamento;  
 logo em seguida, do outro, por onde mortais nada sábios  
 erram, bicéfalos, pois impotência é o que direciona  
 em seus peitos as mentes errantes, e são conduzidos  
 cegos e surdos, estarecidos, turba indecisa,  
 para quem existir e não ser tanto valem o mesmo  
 como não o mesmo – pra trás é a estrada de todos.

6 (4DK)

λεῦσσε δ' ὄμως ἀπεόντα νόφ παρεόντα βεβαίως·  
οὐ γάρ ἀποτιμήξει τὸ ἐὸν τοῦ ἐόντος ἔχθεσθαι  
οὔτε σκιδνάμενον πάντη πάντως κατὰ κόσμον  
οὔτε συνιστάμενον.

7

οὐ γάρ μή ποτε τοῦτο δαμῆ, εἶναι μὴ ἐόντα,  
ἀλλὰ σὺ τῆσδ' ἀφ' ὁδοῦ διζήσιος εἶργε νόημα·  
μηδέ σ' ἔθος πολόπειρον ὁδὸν κατὰ τήνδε βιάσθω,  
νομῶν ἄσκοπον ὄμμα καὶ ἠχρήσεσαν ἀκουήν  
καὶ γλώσσαν, κρῖναι δὲ λόγφ πολύδηριν ἔλεγχον  
ἐξ ἐμέθεν ῥηθέντα· μόνος δ' ἔτι μῦθος ὁδοῖο  
λείπεται.

8

μόνος δ' ἔτι μῦθος ὁδοῖο  
λείπεται, ὡς ἔστιν· ταύτη δ' ἐπὶ σήματ' ἔασι  
πολλὰ μάλ', ὡς ἀγέννητον ἐὸν καὶ ἀνώλεθρόν ἐστιν,  
οὐλον μουνομελές τε καὶ ἀτρεμές ἡδὲ τελεστόν·  
οὐδὲ ποτ' ἦν οὐδ' ἔσται, ἐπεὶ νῦν ἐστιν ὁμοῦ πᾶν,  
ἔν, συνεχές· τίνα γὰρ γένναν διζήσεια αὐτοῦ;  
πῆ πόθεν αὐξήθην; οὔτ' ἐκ μὴ ἐόντος ἐάσω  
φάσθαι σ' οὐδὲ νοεῖν, οὐ γὰρ φατὸν οὐδὲ νοητόν  
ἐστιν ὅπως οὐκ ἔστι· τί δ' ἂν μιν καὶ χρέος ὄρσεν  
ὑστερον ἢ πρόσθεν τοῦ μηδενὸς ἀρξάμενον φῦν;  
οὕτως ἢ πάμπαν πελένια χρεῶν ἐστιν ἢ οὐκί.  
οὐδὲ ποτ' ἐκ μὴ ἐόντος ἐφήσει πίστιος ἰσχύς  
γίγνεσθαι τι παρ' αὐτό· τοῦ εἵνεκεν οὔτε γενέσθαι  
οὔτ' ὄλλυσθαι ἀνῆκε δίκη χαλάσασα πέδησιν  
ἀλλ' ἔχει, ἢ δὲ κρίσις περὶ τούτων ἐν τῶδ' ἐστιν,  
ἔστιν ἢ οὐκ ἔστιν· κέκριται δ' οὖν, ὥσπερ ἀνάγκη,  
τῆν μὲν εἶν ἀνόητον ἀνόνημον, οὐ γὰρ ἀληθής  
ἐστιν ὁδός, τῆν δ' ὥστε πέλειν καὶ ἐπήτυμον εἶναι.  
πῶς δ' ἂν ἔπειτα πέλοιτο ἐόν; πῶς δ' ἂν κε γένοιτο;  
εἰ γὰρ ἔγενετ', οὐκ ἔστ', οὐδ' εἴ ποτε μέλλει ἔσεσθαι.  
τὼς γένεσις μὲν ἀπέσβεσται καὶ ἄπυστος ὄλεθρος.

6

Vê o ausente na mente precisamente presente –  
pois não irás separar o ente no ente se atendo,  
nem disperso de todo por tudo na ordem do mundo  
nem comprimido

7

Isto nunca: não domarás para serem não entes –  
desse caminho de questionamento desvia tua mente,  
nem te force na via o hábito muitravessado  
para exercer um olhar invidente, uma escuta ecoante,  
bem como a língua: decide por conta a multidisputada  
prova por mim proferida – e um só discurso de via  
resta portanto

8

e um só discurso de via  
resta portanto, que é; sobre esta, decerto, os sinais  
são muitíssimos: o ente é inato e imperecível,  
sendo inteiro unimembre, sim, terminal e impassível:  
nem nunca foi nem será, já que é todo agora igualmente,  
uno, contínuo – pois que nascimento lhe questionarias?  
Donde, por onde crescido? Vindo afinal do não ente  
nem pensarás nem dirás: indizível, pois, e impensável  
é que não é – e por que, sendo assim, irromper deveria  
antes, depois, se brotando e principiando do nada?  
Eis que deve existir totalmente ou de todo não ser.  
Nem permite o vigor persuasivo que desde o não ente  
nasça algo além do mesmo; e assim, que não nasça  
nem pereça: Justiça não deixa ou desprende seus elos,  
mas os mantém. E o que há de afinal decidir-se é só isto:  
é ou não é – mas por Coação já está decidido  
que este se deixe impensável anônimo (não verdadeiro  
é esse caminho) e que o outro, por fim, é factível e existe.  
Como o ente seria? Como nascer poderia?  
Pois, se nasceu, não é, nem é se será por destino.  
Eis que o nascer desvanece e de seu perecer não se ouve.

οὐδὲ διαιρετόν ἐστιν, ἐπεὶ πᾶν ἐστὶν ὁμοῖον,  
οὐδέ τι τῆ μάλλον, τό κεν εἶργον μιν συνέχεσθαι,  
οὐδέ τι χειρότερον, πᾶν δ' ἔμπλεκόν ἐστιν ἐόντος·  
25 τῷ ξυνεχῆς πᾶν ἐστίν· ἐὼν γὰρ ἐόντι πελάζει.  
αὐτὰρ ἀκίνητον μεγάλων ἐν πείρασι δεσμῶν  
ἐστὶν ἄναρχον ἄπαστον, ἐπεὶ γένεσις καὶ ὄλεθρος  
τῆλε μάλ' ἐπλάγχθησαν, ἀπῶσε δὲ πίστις ἀληθείης·  
30 τούτων τ' ἐν τούτῳ τε μένον καθ' ἑαυτό τε κείται  
χοῦτας ἔμπεδον αὐθι μένει· κρατερὴ γὰρ ἀνάγκη  
πείρατος ἐν δεσμοῖσιν ἔχει, τό μιν ἄμφις ἐέργει,  
οὔνεκεν οὐκ ἀτελεύτητον τὸ ἐὼν θέμις εἶναι·  
ἔστι γὰρ οὐκ ἐπιδέεξ, μὴ ἐὼν δ' ἄν παντός ἐδεῖτο.  
35 τούτων δ' ἐστὶ νοεῖν τε καὶ οὔνεκέν ἐστι νόημα·  
οὐ γὰρ ἄνευ τοῦ ἐόντος, ἐν ᾧ πεφασισμένον ἐστίν,  
εὐρήσεις τὸ νοεῖν· οὐδὲ χρόνος ἐστὶν ἢ ἔσται  
ἄλλο πάρεξ τοῦ ἐόντος, ἐπεὶ τό γε μοῖρ' ἐπέδησεν  
οὔλον ἀκίνητόν τ' ἔμμεναι· τῷ πάντ' ὄνομ' ἔσται  
40 ὄσσα βροτοὶ κατέθεντο, πεποισθότες εἶναι ἀληθῆ,  
γίγνεσθαι τε καὶ ὄλλυσθαι, εἶναί τε καὶ οὐκί,  
καὶ τόπον ἀλλάσσειν διὰ τε χροῶ φανὸν ἀμείβειν.  
αὐτὰρ ἐπεὶ πείρας πύματον, τετελεσμένον ἐστὶ  
πάντοθεν, εὐκύκλου σφαιρῆς ἐναλίγκιον ὄγκῳ,  
45 μεσσοῦθεν ἰσοπαλῆς πάντῃ· τὸ γὰρ οὔτε τι μεῖζον  
οὔτε τι βαιότερον πελέναι χρεῶν ἐστὶ τῆ ἢ τῆ.  
οὔτε γὰρ οὐκ ἐὼν ἐστὶ, τό κεν παῖδι μιν ἰκνεῖσθαι  
εἰς ὁμόν, οὔτ' ἐὼν ἐστὶν ὅπως εἴη κεν ἐόντος  
τῆ μάλλον τῆ δ' ἦσσαν, ἐπεὶ πᾶν ἐστὶν ἄσυλον·  
οἳ γὰρ πάντοθεν ἴσον ὁμῶς ἐν πείρασι κύρει.  
50 ἐν τῷ σοι παύω πιστόν λόγον ἠδὲ νόημα  
ἄμφις ἀληθείης, δόξας δ' ἀπὸ τοῦδε βροτείας  
μάνθανε κόσμον ἐμῶν ἐπέων ἀπατηλὸν ἀκούων.  
μορφὰς γὰρ κατέθεντο δύο γνώμας ὀνομάζειν,  
τῶν μίαν οὐ χρεῶν ἐστίν, ἐν ᾧ πεπλανημένοι εἰσίν,  
55 ἀντία δ' ἐκρίναντο δέμας καὶ σήματ' ἔθεντο  
χωρὶς ἀπ' ἀλλήλων, τῆ μὲν φλογὸς αἰθέριον πῦρ,  
ἠπιον ὄν, μέγ' ἐλαφρόν, ἑωυτῷ πάντοσε τωυτόν,  
τῷ δ' ἑτέρῳ μὴ τωυτόν, ἀτὰρ κάκεινο κατ' αὐτὸ  
τάντια, νύκτ' ἄδαῖ, πυκινὸν δέμας ἐμβριθῆς τε.

Nem divisível ele é, uma vez que é todo igualmente;  
nem tem algo maior que o impeça afinal de suste-se,  
nem por um lado é menor, mas é todo pleno de ente –  
tem-se todo contínuo, com ente ao ente acorrendo.  
Mas é imóvel nos confins de grandes correntes,  
sem parada ou princípio: nascer, perecer, assim sendo,  
erram longe, excluídos por persuasão de verdade;  
mesmo e no mesmo perdura, fazendo afim a si mesmo:  
preso assim permanece, pois Coação poderosa  
tem-no afinal nas prisões do confim que o retém em sua volta,  
visto que o ente não sem termo é norma que seja –  
é, pois, não desprovido; não sendo, tudo é preciso.  
Sim, o mesmo é pensar e o em vista de que é pensamento:  
não sem o ente afinal, no que coube ser afirmado,  
descobrirás o pensar; nem é nem será o próprio tempo  
algo além do ente, que o Fado prendeu com seus elos  
pra ser imóvel, inteiro – e tudo será o seu nome  
posto pelos mortais, persuadidos de ser de verdade  
o perecer e o nascer, e o não ser e o ser assim sendo,  
o alternar de lugar e a troca da pele lustrosa.  
Mas como último é seu confim, de todos os pontos  
é terminal, como massa de esfera bencirculada,  
equilibrada do meio até tudo: nem mais elevada  
deve ser por aqui e por ali, tampouco mais baixa –  
pois nem existe não ente que o faça parar de alcançar-se  
com seu igual nem ente que seja maior do que o ente  
ou menor por aqui e por ali, já que é inviolável:  
todo afim a si mesmo, igualmente os confins ele encontra.  
Paro aqui o pensamento e a conta persuasiva  
em redor da Verdade; daqui, o parecer dos mortais  
ouve e aprende no mundo enganoso de minhas palavras.  
É que uma dupla puseram, pra formas ideias nomearem  
(e uma preciso não é, no que coube serem errantes);  
contraposto cindiram o corpo e sinais impuseram  
um à parte do outro: a flama do fogo etéreo,  
que é gentil e bem leve, o mesmo por tudo em si mesmo,  
mas não o mesmo que o outro; e aquilo conforme si mesmo  
contra, noite inacesa, de corpo denso e pesado.

60 τόν σοι ἐγὼ διάκοσμον εὐοκίτα πάντα φατίζω,  
ὡς οὐ μὴ ποτέ τίς σε βροτῶν γνώμη παρελάσσει.

Eis a ordem do mundo que símil em tudo te afirmo,  
para que nunca nenhum dos mortais te passe na ideia.

9 (10DK)

εἴση δ' αἰθερίην τε φύσιν τά τ' ἐν αἰθέρι πάντα  
σήματα καὶ καθαρῆς εὐαγέος ἡελίοιο  
λαμπάδος ἔργ' αἰδηλα, καὶ ὀπρόθεν ἐξεγένοντο,  
ἔργα τε κύκλωπος πύσθη περίφοιτα σελήνης  
5 καὶ φύσιν, εἰδήσεις δὲ καὶ οὐρανὸν ἀμφίς ἔχοντα,  
ἔνθεν ἔφω τε καὶ ὥς μιν ἄγουσ' ἐπέδησεν ἀνάγκη  
πεῖρατ' ἔχειν ἄστρων.

9  
Conhecerás a natura do Éter e os signos etéreos  
todos, bem como da pura clareza do Sol lampejante –  
tocha sagrada – as invisas proezas, e donde nasceram;  
e apreenderás as proezas também da ciclópica Lua,  
sua natureza perlustre, e verás o Céu envolvente,  
donde brotou, como foi Coação conduzi-lo e prendê-lo  
para suster os confins das estrelas

10 (11DK)

πῶς γαῖα καὶ ἥλιος ἡδὲ σελήνη  
αἰθήρ τε ζυνὸς γάλα τ' οὐράνιον καὶ ὄλυμπος  
ἔσχατος ἡδ' ἄστρων θερμὸν μένος ὀρμήθησαν  
γίνεσθαι.

10  
como a Terra, e ainda o Sol e a Lua,  
bem como o Éter comum, e a Láctea celeste e o Olimpo  
ἄtremo e a cálida fúria dos astros então irromperam  
ao nascimento

11 (9DK)

αὐτὰρ ἐπειδὴ πάντα φάος καὶ νὺξ ὀνόμασται  
καὶ τὰ κατὰ σφετέρας δυνάμεις ἐπὶ τοῖσι τε καὶ τοῖς,  
πᾶν πλέον ἐστὶν ὁμοῦ φάεος καὶ νυκτὸς ἀφάντου  
ἴσων ἀμφοτέρων, ἐπεὶ οὐδετέρῳ μετὰ μηδέν.

11  
Já que todas as cousas Luz e Noite nomeiam  
postas segundo as suas potências nisso e naquilo,  
tudo é junto pleno de Luz e da ilúcida Noite,  
de ambas iguais afinal, já que nada está com nenhuma.

12

αἱ γὰρ στεινότερα πλῆντο πυρὸς ἀκρήτσιοι,  
αἱ δ' ἐπὶ τῆς νυκτός, μετὰ δὲ φλογὸς ἴεται αἴσα·  
ἐν δὲ μέσῳ τούτων δαίμων, ἡ πάντα κυβερνᾷ·  
πάντη γὰρ στουγεροῖο τόκου καὶ μίξιός ἄρχει  
5 πέμπουσ' ἄρσενι θήλυ μιγῆν τό τ' ἐναντίον αὐτῆς  
ἄρσεν θηλυτέρῳ.

12  
pois as mais estreitas são plenas de fogo impermisto,  
sob as da noite, aonde uma parte da chama se lança;  
e em seu meio está a Divindade, que tudo governa:  
ela por tudo a união principia e o parto execrável,  
conduzindo fêmea até macho, e também, ao contrário,  
macho até fêmea

13

πρώτιστον μὲν ἔρωτα θεῶν μητίσατο πάντων.

13  
e planejou então Eros primeiro de todos os deuses

14

νυκτιφαῆς περὶ γαῖαν ἀλώμενον ἀλλότριον φῶς

14  
noctiluzente a volver sobre a Terra lúmen alheio

15

αἰεὶ παπταίνουσα πρὸς ἀνὰ γὰς ἡελίοιο

15

sempre em sua direção, encarando a clareza do Sol

16 (15aDK)

ὕδατόριζον [sc. τὴν γῆν]

16

aquarrazada

17 (16DK)

ὡς γὰρ ἕκαστος ἔχει κρήσιν μελέων πολυπλάγκτων,  
τὼς νόος ἀνθρώποισι παρέστηκεν· τὸ γὰρ αὐτό  
ἔστιν ὅπερ φρονέει μελέων φύσις ἀνθρώποισιν  
καὶ πᾶσιν καὶ παντί· τὸ γὰρ πλέον ἐστὶ νόημα.

17

Tal como cada um tem a mistura dos membros errantes,  
tal se apresenta a mente aos humanos; é o mesmo que pensa  
a natureza dos membros para qualquer um dos homens  
todos e a tudo afinal: o mais pleno é que é pensamento.

18 (17DK)

δεξιτεροῖσιν μὲν κούρους, λαιοῖσι δὲ κούρας

18

por um lado, à direita, meninos; à esquerda, meninas

19 (18DK)

femina virque simul Veneris cum germina miscent,  
venis informans diverso ex sanguine virtus  
temperiem servans bene condita corpora fingit.  
nam si virtutes permixto semine pugnent  
5 nec faciant unam permixto in corpore, dirae  
nascentem gemino vexabunt semine sexum.

19

Quando fêmea e varão misturam os brotos de Vênus,  
eis que venosa formante virtude do sangue diverso,  
com temperança contida, faz corpos bem conservados;  
pois se as virtudes, contudo, no sêmen permixto contendem,  
sem se fazer uma só no corpo permixto, terríveis  
afligirão com dupla semente o sexo nascente.

20 (19DK)

οὕτω τοι κατὰ δόξαν ἔφυ τάδε καὶ νυν ἔασι  
καὶ μετέπειτ' ἀπὸ τοῦδε τελευτήσουσι τραφέντα·  
τοῖς δ' ὄνομ' ἀνθρώποι κατέθεντ' ἐπίσημον  
ἑκάστω.

20

Eis, conforme parece, como brotaram e são  
e depois disso terminarão ao terem crescido;  
e a cada qual os humanos um nome distinto  
puseram.

## Referências bibliográficas

ANTUNES, C. L. B. “26 Hinos Homéricos”. *Cadernos de Literatura em Tradução*, São Paulo, n. 15, p. 13-23, 2015. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.2359-5388.i15p13-24>>. Acesso em: 28 fev. 2023.

BARBIERI, Pedro. “Sobre a Natureza, de Parmênides de Eleia”. *Classica*, v. 33, n. 1, p. 311-325, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.24277/classica.v33i1.853>>. Acesso em: 28 fev. 2023.

CAMPOS, Haroldo de. *Da transcrição: poética e semiótica da operação tradutora*. Belo Horizonte: FALE/UFGM, 2011.

CLARK, R. J. “Parmenides and Sense-perception”. *Revue des Études Grecques*, v. 82, n. 389-390, p. 14-32, 1969.

COXON, A. H. *The fragments of Parmenides: a critical text with introduction and translation, the ancient testimonia and a commentary*. Revised and expanded edition with new translations by Richard McKirahan and a new preface by Malcolm Schofield. Las Vegas: Parmenides Publishing, 2009.

DOLIN, E. F. “Parmenides and Hesiod”. *Harvard Studies in Classical Philology*, v. 66, p. 93-98, 1962.

FLORES, G. G. *Horácio: Arte poética*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020.

GALGANO, N. S. *O preceito da Deusa: o não ser como contradição em Parmênides de Eleia*. 2015. 239 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2015. Disponível em: <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8133/tde-29092015-162053/en.php>>. Acesso em: 28 fev. 2023.

GALLOP, David. *Parmenides of Elea, fragments: a text and translation with an introduction*. Toronto: University of Toronto Press, 1991.

GONÇALVES, R. T. (trad.). *Lucrecio: Sobre a natureza das coisas*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2021.

GONÇALVES, R. T. “Tradução e ritmo: *rêver le vers* de Lucrecio”. *MORUS – utopia e renascimento*, Campinas, v. 11, n. 1, p. 181-197, 2016. Disponível em: <<http://www.revistamorus.com.br/index.php/morus/article/view/272>>. Acesso em: 28 fev. 2023.

HENN, M. J. *Parmenides of Elea: a verse translation with interpretative essays and commentary to the text*. Wesport: Praeger, 2003.

HUNTER, Richard. *Hesiodic voices: studies in the ancient reception of Hesiod's Works and days*. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.

KASSEL, Rudolf. *Aristotle's Ars Poetica*. Oxford: Clarendon Press, 1966. Disponível em: <<https://tinyurl.com/6fjrjnfu>>. Acesso: 14 out. 2022.

KONING, H. H. *Hesiod: the other poet*. Ancient reception of a cultural icon. Leiden: Brill, 2010.

MACKENZIE, Tom. *Poetry and poetics in the presocratic philosophers: reading Xenophanes, Parmenides and Empedocles as literature*. Cambridge: Cambridge University Press, 2021.

MILLER, Mitchell. “The reception of Hesiod by the early pre-Socratics”. In: LONEY, A. C.; SCULLY, Stephen. *The Oxford handbook of Hesiod*. Oxford: Oxford University Press, 2018. p. 207-224.

MOORTON, R. F. *Hesiod as precursor to the presocratic philosophers: a Voeglinian view*. Louisiana State University, 2001. Disponível em: <<https://tinyurl.com/ymxaeprj>>. Acesso em: 19 ago. 2021.

MOST, G. W. “ἄλλος δ’ ἔξ ἄλλου δέχεται. Presocratic philosophy and traditional Greek epic”. In: BIERL, A.; LÄMMLE, R.; WESELMANN, K. (org.). *Literatur und Religion I. Wege zu einer mythisch-rituellen Poetik bei den Griechen*. Walter de Gruyter: Berlin, 2007. p. 271-302.

MOURELATOS, A. P. D. *The route of Parmenides*. Revised and expanded edition. Las Vegas: Parmenides Publishing, 2008.

NAGY, Gregory. *Greek mythology and poetics*. Ithaca: Cornell University Press, 1990.

NUNES, C. A. (trad.). *Homero: Iliada*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

NUNES, C. A. (trad.). *Homero: Odisseia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015a.

NUNES, C. A. (trad.). *Virgílio: Eneida*. São Paulo: Editora 34, 2016.

OLIVA NETO, J. A. *Dos gêneros da poesia antiga e sua tradução em português*. 270 f. Tese (Livres-docência) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2013.

PALAVRO, B. *Hesíodica*. 2021. 263 f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2021. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/235990?show=full>>. Acesso em: 10 jan. 2025.

RIBEIRO, D. F. *Metro, diálogo e tradução das Bucólicas de Calpúrnio Sículo*. 2021. 282 f. Tese (Doutorado) – Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2021. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/72782>>. Acesso em: 28 fev. 2023.

SANTORO, Fernando. *Filósofos épicos I: Parmênides e Xenófanes*, fragmentos. Edição do texto grego, tradução e comentários. Rio de Janeiro: Hexis; Fundação Biblioteca Nacional, 2011.

SANTOS, A. R. P. *Geórgicas bárbaras: estudo para uma tradução hexamétrica do poema didático virgiliano*. 2020. 240 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2020.

SANTOS, J. T. (trad.). *Da natureza, Parmênides*. Brasília: Thesaurus, 2000.

SOLANA, José. “Generación y tiempo en el poema de Parménides”. *Méthexis*, v. 16, p. 7-22, 2003.

TOR, Shaul. *Mortal and divine in early Greek epistemology: a study of Hesiod, Xenophanes and Parmenides*. Cambridge: Cambridge University Press, 2017.

SOUZA, J. C. (org.). *Os pré-socráticos: fragmentos, doxografia e comentários*. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

TARÁN, Leonardo. *Parmenides*: a text with translation, commentary and critical essays. Princeton: Princeton University Press, 1965.